Educação, Meios de Comunicação e Conhecimento

José Manuel Moran

Um novo paradigma

O conhecimento não pode ser reduzido unicamente ao racional. Conhecer significa compreender todas as dimensões da realidade, captar e expressar essa totalidade de forma cada vez mais ampla e integral. Entendo a educação como um processo de desenvolvimento global da consciência e da comunicação (do educador e do educando), integrando, dentro de uma visão de totalidade, os vários níveis de conhecimento e de expressão: o sensorial, o intuitivo, o afetivo, o racional e o transcendental (a integração com o universo).

Para conhecer precisamos estar inseridos em um novo paradigma, que pressupõe educar sempre dentro de uma visão de totalidade. Educar pessoas inteiras, que integrem todas as dimensões: corpo, mente, sentimentos, espírito, psiquismo: o pessoal, o grupal e o social: que tentem encontrar as pontes, as relações entre as partes e o todo, entre o sensorial e o racional, entre o concreto e o abstrato, entre o individual e o social. Nossa maior tarefa como educadores consiste em sermos nós mesmos plenamente e ajudar a que os outros também o sejam. "Não há lugar para pessoas inteiras no sistema educacional: só há lugar para seus intelectos" (Carl Rogers. *Um jeito de ser*).

Educar para a abertura a novas experiências, as novas maneiras de ser, as novas idéias. Educar para o positivo, para a mudança, para o não previsível, para aprender continuamente (educação permanente).

Educar para a autonomia, para caminhar por nós mesmos, para não depender de modas, do que os outros querem. Educar para a liberdade possível em cada etapa da vida (educação como facilitadora do processo de libertação pessoal, grupal e social). Educar para a autenticidade, para desenvolver o mais plenamente possível todas as potencialidades intelectuais, afetivas, criativas (artísticas) e morais de cada um de nós. Educar para encontrar o eixo, o sentido de nossa vida. Isto se aplica à escola, mas também à família e a outros espaços pedagógicos sociais.

Conhecimento e Comunicação Integrais
O ensino-aprendizagem precisa dar mais ênfase ao sensorial, ao envolvimento de todos os sentidos e de todo o indivíduo. O conhecimento integral depende cada vez mais da valorização do SENSORIAL. Precisa da ação coordenada de todos os sentidos, os caminhos externos para o conhecimento, que combinam o tato, o toque, a pele, o movimento, o corpo, o olhar, o escutar, todos os sentidos agem completamente, como superposição de significantes, combinando e reforçando significados. Em cada um de nós predomina um ou dois sentidos: o tocar, o ver, o ouvir e os utilizamos, em primeiro lugar, quando queremos conhecer ou comunicamos.

O trabalho principal consiste em reeducar sensorialmente o professor.

Reeducar o ver: um ver mais aberto, menos preconceituoso, mais atento, polivalente e profundo (enxergar novas formas de ver).

Reeducar o ouvir: ouvir o ambiente, os vários sons, vozes, ritmos. Os ritmos interiores e exteriores próprios e alheios, os ritmos de cada aluno, os ritmos poéticos e musicais. Ampliar a nossa relação com a música. Incentivar o uso da música como ambiente de aprendizagem, como facilitadora de processo de ensino-aprendizagem, como sensibilização sensorial, como associação com conteúdo (letra-música) e como produção (o aluno expressar-se musicalmente, criar sua própria música).

Reeducar o corpo: aprender a relaxar externa e internamente, a mover-se, a expressar-se com todo o corpo, aproximar-se do aluno.

Na escola precisamos encontrar as formas de começar com a sensibilização corporal: exercícios de relaxamento, de dança, exercícios que expressam através do lúdico, a comunicação sensorial através de todo o corpo. Adaptar o lúdico a cada etapa da evolução do aluno, mas não esquecê-lo no nível superior.

Na educação precisamos partir do sensorial do "sentir", da mesma forma que os meios eletrônicos, para ajudar o aluno a organizar melhor suas idéias e a integrá-las numa visão de totalidade. O caminho INTU-

ITIVO é o da descoberta das conexões inesperadas, das junções, das superposições, da navegação não linear, da capacidade de maravilhar-se, do aprofundamento do conhecimento psíquico, de formas de comunicação menos conscientes, como a telepatia. É um caminho livre, agradável, imprevisível, atraente, propício a descobertas, muitas vezes confuso, irracional, ilógico, mas que preenche profundamente, faz avançar, dá confiança.

A racionalidade sufocou durante séculos a intuição relegando-a a um segundo plano, sem valor. Atualmente, com o cansaço da racionalidade que não explica tudo - porque é reducionista - apoiamos-nos mais frequentemente na intuição e, no não lógico, nem seqüencial, nem causal. Uma das áreas de maior necessidade de crescimento e pesquisa se dá no interior do indivíduo, na descoberta das suas potencialidades de cognição e de comunicação psíquicas. Aprofundar a comunicação consigo mesmo. Saber ouvir-se, falar consigo mesmo. Para isso precisamos aprender a linguagem do silêncio, entrar em ambientes tranquilos, sem depender continuamente de ambientes sonoros externos, como os do rádio, da televisão (usados muitas vezes como pseudo-companhia, como fuga de si mesmo). Aprender a relaxar, que não é somente uma atitude física corporal, mas uma atitude permanente, profunda de encarar a vida com tranquilidade, com paz. O relaxamento é uma das condições de ensino-aprendizagem profundo. O relaxamento facilita a aprendizagem, desenvolve a intuição, a capacidade de relacionar, deter novos *insight*.

O AFETIVO no conhecimento e na comunicação é um complemento do sensorial e do intuitivo. O afetivo se manifesta no clima de acolhimento, de empatia, inclinação, desejo, gosto, paixão, de ternura, da compreensão para consigo mesmo e para com os outros. O afetivo dinamiza as interações, as trocas, a busca, os resultados. Facilita, lubrifica a comunicação, toca os participantes, promove a união. O clima afetivo prende totalmente, envolve plenamente, multiplica as potencialidades. A escola precisa incorporar mais as dinâmicas de grupo, principalmente as de auto-conhe-

cimento (trazer assuntos da vida dos alunos), de cooperação e comunicação (como a dramatização).

O RACIONAL é o caminho mais conhecido para o conhecimento e a comunicação. Organiza, sistematiza, e hierarquiza, prioriza, relaciona, seqüencializa, causaliza, finaliza. Encontra a ordem no caos da informação dos meios de comunicação da grande cidade, de cada um de nós.

E o TRANSCENDENTAL é o caminho de comunhão com o mundo, com o universo, com as dimensões menos visíveis da existência. O conhecimento do transcendental se torna tão rico hoje, diante de tantas descobertas em todos os campos das ciências que não podemos limitá-lo ao racional. O racional não dá conta de todas as dimensões, principalmente as mais profundas, do universo. Há um transcendente interno, dentro de nós, aquilo que permanece no subconsciente e que atua, o lado mais espiritual, a comunhão energética com o outro, a natureza e o mundo. Essa transcendência mais externa, mais universal, hoje é extremamente importante para integrá-la no processo educacional e não pode ser jogada para baixo do tapete, só para o terreno da crença individual, para o terreno obscuro da privacidade.

O caminho para o conhecimento integral funciona melhor se começa pela indução, pela experiência concreta, vivida, sensorial e vai incorporando a intuição, o emocional, o racional e o transcendental. A arte é um dos pilares da nova educação e não só uma atividade complementar.

Os meios audiovisuais e o conhecimento

Os meios de comunicação, principalmente os áudio-vídeo-gráficos, desenvolvem formas sofisticadas de comunicação sensorial multidimensional, de superposição de linguagens e mensagens, que facilitam a aprendizagem e que condicionam outras formas e espaços de comunicação (como o escolar, o familiar, o religioso). Os meios, principalmente a TV, falam sempre de "sentir" - "o que você sentiu", não o que você conheceu: as idéias estão embutidas na roupagem sensorial, intuitiva e afetiva.

Os meios de comunicação pesquisam a muito tempo e vêm aperfeiçoando a forma de comunicar-se com a maioria das pessoas, tanto crianças como adultas, aplicando intuitivamente o paradigma de Gardner, a teoria de múltiplas inteligências, no acesso ao conhecimento.

Os meios de comunicação operam imediatamente com o sensível, o concreto, principalmente, a imagem em movimento. Combinam a dimensão espacial com a

cinestésica, onde o ritmo torna-se cada vez alucinante (como os videoclips). Ao mesmo tempo utilizam a ligação conceitual, falada e escrita, mas formalizada e racional. Imagem, palavra e música se integram dentro de um contexto comunicacional afetivo, de forte impacto racional, que facilita e predispõe a conhecer mais favoravelmente.

A eficácia de comunicação dos meios eletrônicos, em particular da televisão, se deve à capacidade de articulação, de superposição e de combinação de linguagens totalmente diferentes - imagens, fala, música, escrita - com uma narrativa fluida, uma lógica pouco delimitada, gêneros, conteúdo e ética pouco precisos, o que lhe permite alto grau de entropia, de interferências por parte dos concessionários, produtores e consumidores.

A televisão combina imagens estáticas e dinâmicas, imagens ao vivo e gravadas, imagens de captação imediata, imagens referenciais (registradas diretamente com câmera) com imagens criadas por um artista no computador. Junta imagens sem ligação referencial (não relacionadas com o real) com imagens "reais" do passado (arquivo, documentários) e as misturas com imagens "reais" do presente e imagens do passado não reais.

Com o fantástico desenvolvimento das técnicas de computação gráfica, a possibilidade de combinação de imagens se multiplica ao infinito. Cada vez se torna mais difícil observar o real filmado e o real simulado (recriado). A televisão e o vídeo combinam, justapõem, mixam imagens em ritmo cada vez mais alucinante. A duração média de cada tomada gira em torno de três segundos. Em videoclips, comerciais e programas para jovens o número de cortes de imagem aumenta significativamente. A combinação de inúmeros tipos de imagens com diferentes ritmos provoca um estado de intensa excitação do cérebro, continuamente sacudido pelas mudanças de enquadramento, de planos, de pontos de vista, difíceis de processar com precisão, rapidez. O olhar, para encontrar um ritmo de coerência entre tantas solicitações simultâneas, procura integrá-las numa perspectiva de totalidade (leitura do conjunto de cada tela e não das informações isoladas).

Televisão e vídeo combinam a multiplicidade de imagens e ritmos com uma variedade fascinante de falas, de música, de sons, de textos. A riqueza fantástica de combinações de linguagens sacode o nosso cérebro, nosso eu, através de todos os caminhos possíveis, atingindo-nos sensorial, afetiva e racionalmente. Somos "tocados"

pela imagem através dos movimentos de câmera, pela música que nos comove, pela narração emocionada de uma vítima ou apresentador. Enquanto a imagem e a música nos sensibiliza, a palavra e a escrita (textos, legendas) orientam a decodificação, racionalizam o processo. Normalmente a imagem mostra, a palavra explica, a música sensibiliza, o ritmo entretém. Mas as funções mudam, se intercambiam, se superpõem. Todos os sentidos são acionados, o nosso ser como um todo é atingido. Todo o nosso ser é atingido, não só a inteligência. Daí a sua força.

A organização da narrativa televisiva, principalmente a atual visão, não se baseia somente - e muitas vezes não primordialmente - na lógica convencional, na coerência interna, na relação causa-efeito, no princípio de não-contradição, mas numa lógica mais intuitiva, mais conectiva. Imagens, palavras e música vão se agrupando segundo critérios menos rígidos, mais livres e subjetivos dos produtores que pressupõem um tipo de lógica da recepção também mais racional, mais intuitiva.

Um dos critérios principais é a **contigüidade**, a justaposição por algum tipo de **analogia**, de associação por semelhança ou por oposição, por contraste. Ao colocar pedaços de imagens ou cenas juntas, em seqüência, criam-se **novas relações**, novos significados, que antes não existiam e que passam a ser aceitáveis, "naturais", "normais". Um exemplo: colocando várias matérias em seqüência, num mesmo bloco e em dias sucessivos - como se fossem capítulos de uma novela - sobre o assassinato de uma atriz, o de várias crianças e outros crimes semelhantes acontecidos no Brasil e em outros países, multiplicou-se a reação de indignação da população, o seu desejo de vingança. Isto favorece os defensores da pena de morte, o que não estava explícito em cada reportagem e nem talvez fosse a intenção dos produtores.

A televisão opera com uma **lógica inclusiva**, cria relações inesperadas entre real e imaginário, presente, passado e futuro. Por exemplo, junta numa mesma estória - um clip musical - o pai Nat King Cole e a filha cantando "*Unforgettable*", fazendo um duo perfeito de imagem e interpretação musical, sem que isso tivesse acontecido. Aqui houve uma ampliação do real, uma lógica de tipo inclusivo, de junção, de agregação de situações separadas em um novo conjunto. Os comerciais da Diet Pepsi com Elton John, Ray Charles e Louis Armstrong e o da Brahma com Tom Jobim e Vinicius de Moraes, exemplificam bem esta narrativa por inclusão.

■ INTERCÂMBIO

Os meios audiovisuais são fortes na lógica que procede por **comparação**, explícita ou implícita (metáfora), que procura entender o todo, mais do que cada parte desse todo, que através de associações procura descobrir novos significados, novas relações, principalmente através das imagens. Mas se na imagem encontramos mais liberdade narrativa, no texto falado e escrito da televisão a lógica torna-se mais “amarada”, organizada, analítica e sintética. Principalmente, na fala em off. Os meios, enfim, combinam lógicas que se combinam diferentemente a cada momento. Normalmente imagem e palavra se complementam, combinando a lógica analógica, metafórica da imagem, com a lógica conceitual, racional do texto; em outros momentos se opõem.

Os meios nos atingem por caminhos diferentes simultaneamente. Para quem compreende o mundo de forma mais racional, como muitos adultos, capta-se na televisão mais a lógica da narrativa, principalmente a do texto falado-escrito. Para a maioria das crianças, jovens e dos que são mais sensíveis ao concreto, ao analógico, a forma de contar das imagens e da música funciona melhor.

Mas tanto a lógica racional quanto a analógica, recebem um apoio contínuo da lógica sensorial-emocional. A televisão nos “toca”, nos atinge, na relação imagem, palavra, música, afetivamente, desperta emoções imediatas, que orientam a compreensão da realidade no nível analógico e/ou conceitual.

A televisão estabelece uma conexão aparentemente lógica entre mostrar e demonstrar, isto é, se mostra, está comprovando o que diz. **Mostrar é igual a demonstrar**, a provar, a comprovar. A força da imagem é tão evidente que torna-se difícil não fazer essa associação comprobatória (“se uma imagem me impressiona, é verdadeira”). Também é muito comum a lógica de generalizar a partir de uma situação concreta. Do individual, tendemos ao geral. Uma situação isolada converte-se em situação padrão. A televisão, principalmente, transita continuamente entre as situações concretas e a generalização. Mostra dois ou três escândalos na família real

inglesa e tira conclusões sobre o valor e a ética da realeza como um todo.

Ao mesmo tempo, o **não mostrar equivale a não existir**, a não acontecer. O que não se vê, perde existência. Um fato mostrado com imagem e palavra tem mais força que se somente é mostrado com palavra. Muitas situações importantes do cotidiano perdem a força, por não ter sido valorizadas pela imagem-palavra televisiva.

Os meios áudio-visuais conseguem articular, combinar, integrar a lógica convencional (mais organizada e seqüencial) com a paralela, associadora, uma lógica “puntilhista” **multidimensional**, repleta de pontos fortes, reforçada pelos efeitos sonoros e pela inserção de trilhas musicais.

Há um contraste entre a riqueza de meios expressivos utilizados pela televisão e o **reducionismo da lógica proposicional**. Em muitos assuntos, principalmente nos controvertidos, opera uma lógica do tipo exclusivo, dualista, disjuntivo: ou... ou... que se manifesta na “repetida pergunta dos entrevistadores: Você é a favor ou contra...” e que se materializa no programa “Você Decide” da Rede Globo, onde o público somente pode optar por uma das duas alternativas, sem qualificá-las, o que conduz a criar ou reforçar posturas maniqueístas, simplistas da realidade e a não buscar outras alternativas possíveis.

Os meios, em síntese, conseguem se comunicar bem, porque nos atingem por inteiro. Mas ao mesmo tempo, reduzem a sua comunicação a aspectos mais superficiais, reducionistas, materialistas. A educação precisa estabelecer pontes entre os meios de comunicação e a escola. Partir dos meios, para aprofundar outras dimensões do ser humano que ignoram, para organizar o conhecimento dentro de um projeto integral do ser humano, para ajudá-lo a libertar-se e a não depender do que eles afirmam.

Condições para o conhecimento integral Para que possamos avançar na direção de um conhecimento que integre todas as dimensões do ser humano, é necessário criar um clima de empatia no processo pedagógico - dirigentes, professores, alunos e pais - principalmente, entre professores e

alunos, aceitando plenamente cada aluno como ele é, eliminando todas as barreiras possíveis, aproximando-se o máximo deles, enfatizando o positivo, o desenvolvimento da auto-estima.

Os professores, dentro da sala de aula, coordenam o processo pedagógico, são os responsáveis pela organização e implementação de cada etapa. Mas se estabelecem um clima de confiança, a curiosidade e o desejo natural de aprender se tornarão mais intensos. Quando as pessoas são aceitas como elas são, revelam-se muito criativas e plenas de recursos para transformar as suas vidas. O professor e o dirigente precisam ser seguros, equilibrados interiormente em seus relacionamentos pessoais para poder confiar nos seus alunos.

Temos que desenvolver processos de comunicação ricos, interativos e cada vez mais profundos. Abrir as escolas ao mundo, à vida. Criar ambientes de ensino-aprendizagem mais atraentes, envolventes e multisensoriais.

Apoiar a introdução das novas tecnologias de comunicação possíveis em cada etapa. As tecnologias, dentro de um processo pedagógico inovador, facilitam o processo de ensino-aprendizagem: sensibilizam para novos assuntos, trazem informações novas, diminuem a rotina, nos ligam com o mundo, com as outras escolas, aumentam a integração (redes eletrônicas), permitem a personalização (adaptação do trabalho ao ritmo de cada aluno) e se comunicam facilmente com o aluno, porque trazem para a sala de aula as linguagens e meios de comunicação do dia-a-dia.

Também é necessário investir constante e significativamente na valorização do educador, tanto no salário quanto na sua formação contínua em serviço e também nos futuros profissionais da educação. Urge reeducar o professor para este novo paradigma.

José Manuel Moran

• Professor de Televisão da Universidade de São Paulo. Pesquisador do Projeto Escola do Futuro da USP.